

RUBEM BRAGA CEDE O POSTO 'AO CABO TAPARICA — (II)

ISTO É MESMO GUERRA

COM A F.E.B. NA ITALIA, fevereiro (Pelo cabo Naldo Taparica, especial para o DIÁRIO CARIÓCA) — Atravessamos aos trancos e barrancos a estrada coberta de neve. Um branco de doer a vista. Afinal chegamos ao ultimo P.O.

O tte. Langone me recebeu muito amável e foi contando como vive e como trabalha o observador avançado.

O seu P.O. tem um rombo feito por um morteiro inimigo.

O observador é sempre um oficial. Passa dez dias em função, sem se afastar do Posto, depois do que é substituído.

O lugar é absolutamente ermo. A neve e o silencio. De vez em quando o estouro das bombas.

O tte. diz:

— “Se não há um trabalhozinho a fazer, a gente morre de tédio. Às vezes dá vontade de pedir uns tiros, á menor coisa que se vê, só para quebrar a monotonia...”

Subimos umas escadas improvisadas, por cima de feno, no meio de arames, latas e caixotes, e chegamos á luneta. De lá vêem-se bem os principais pontos da frente. O inimigo está muito proximo. Podem-se distinguir as suas posições.

— “Visto aquela parte escura do morro, á direita da casa? Trabalho nosso.”

Olho o morro pela luneta. Uma renda. O contorno caprichoso da neve cercando uma infinidade de pontos negros — as crateras feitas pelas nossas baterias.

— “A observação geral do terreno faz-se permanentemente. Mas existem alguns pontos que são observados com certa constancia. Pois é onde se nota movimento de vez em quando.”

Os observadores são os olhos da Artilharia. E' do P.O. que se localizam certos objetivos e se orientam os tiros que a Central vai comandando para as Baterias.

O tte. apontou a luneta.

— “Ali, por exemplo, podem-se ver sinais de passos na neve. E' patrulha inimiga que passou ontem á noite. Frequentemente os nossos homens também vão lá e chegam até a passar as linhas.”

Pergunto como se faz a observação á noite.

— “Quando não há lua, pelo luar artificial.”

(Refere-se á claridade obtida por meio de projetores em uso pela nossa artilharia).

Existe um pombal atrás do observatorio. Não são pombas da paz. São pombas de guerra mesmo, que já se acostumaram ás explosões das granadas e não se assustam mais com os soldados.

O tte. Langone é carioca. E' alegre, cordial e otimista. Tem uma confiança ilimitada na nossa gente e acredita que a

NUMA FRENTE EM QUE A VIDA É PRETA, MAS AINDA MELHOR DO QUE EM GERINCINÓ... — “AQUI A GENTE COMPREENDE PORQUE ESTÁ FAZENDO TANTO SACRIFICIO” — VENDO BRASILEIROS MORRER NA TERRA DE NINGUEM, SEM PODER IR EM SEU AUXILIO — A MISSÃO ARRISCADA DO PESSOAL DAS TRANSMISSÕES

PELO CABO NALDO TAPARICA

(Diretor do “Cruzeiro do Sul”, jornal dos Expedicionarios)

guerra já não pode ir muito longe. Apresenta-me aos seus dois ajudantes, o radio operador e o auxiliar de observação. Às vezes o P.O. tem também um motorista. Todos eles são de modo geral encarregados das comunicações, inclusive reparação das linhas do Posto.

O radio operador era um meu antigo companheiro de campanhas estudantis. Foi ele quem me reconheceu. E' verdade que o meu aspecto era menos belicoso.

O Fabio Fonseca e Silva, estudante de Medicina do Rio de Janeiro, me aparece de submetralhadora a tiracolo, com faca na cinta e uma barba de não sei quantos dias. Com um ar guerreiro e decidido que poria em sobressalto os nossos mais exaltados colegas do Brasil.

— “Eu sou um veterano.”

De fato, o Fabio já é um veterano de dois ataques importantes e varias pessoas me informaram que ele sabe ser valente. O Scliar diz que valente até não é bem o termo. Chega a ser maluco.

O auxiliar do observador é o Anisio Gaspar dos Santos, de Macaé, no Rio. Veio com o 2.º Escalão e diz que a vida aqui não é tão má assim.

— “Isto é guerra mesmo...”

A unica coisa de que não está gostando é da demora das cartas. Deixou a familia em Macaé e o Correio não toma conhecimento da sua ansiedade por noticias.

O Fabio interrompe a conversa:

— “Se pode falar mal do Correio eu quero uma pagina do jornal só para mim”.

O motorista chega para dizer que está pronto para o serviço. O tenente Langone explica que quando não há muito movimento aproveita para melhorar as instalações, substituir cabos, etc. Agora ia ser substituída uma linha.

Não quero perder a oportunidade. Despeço-me do pessoal

e vou ver como é que se trabalha nas Transmissões”.

COM O PESSOAL DAS TRANSMISSÕES

O caminho estava péssimo e o “três quartos” não podia subir. Por isso precisava o “jeep”.

A equipe que nos esperava era de 4 homens. Bobinas, ferramentas, e caixas lotaram o “jeep”. O pessoal ia encarapitado atrás, ajudando a bobina a rodar, ou a pé, colocando o fio á beira da estrada, fixando aqui, soltando lá.

Tinhamos de ir de vagariinho, parando de vez em quando para esperar. Aproveitei para ir conversando com o pessoal.

O chefe da turma é o sargento Leo da Costa Melo. Era professor de mecanica no Rio de Janeiro. Foi convocado e hoje serve no Serviço de Transmissões da Bia.

— “Rolei um bocado, fui parar em Mato Grosso, e acabei vindo para o Expedicionario.”

O serviço era simples e em menos de duas horas estaria concluído. A estrada é completamente á vista do inimigo. Costuma ser batida sempre.

Fiquei desapontado de não aparecer nem ao menos um morteiro para dar uma atmosfera mais guerreira á nossa reportagem. Mas nem sempre é assim.

O sargento me contou que é muito mais comum terem que trabalhar debaixo de fogo e com mau tempo. Muitas vezes é preciso reparar uma linha a altas horas, com chuva, um frio barbaro. Sai a equipe á procura do defeito. Vai acompanhando os fios até encontrar o lugar em que se partiram. Há ocasiões em que se passa toda a noite, chega a manhã e a comunicação ainda não foi restabelecida. Mas quando a equipe regressa e porque já está tudo novamente em ordem.

O sargento já tinha sido convocado quando se casou em Mato Grosso. No mesmo dia saiu a sua transferencia para o

(Conclue na 4ª pag.)

14.3.45

146

ISTO É MESMO GUERRA

(Conclusão da 3ª pag.)

Expedicionário. Três meses exatamente depois, embarcava para a Europa. Tem um herdeiro em caminho e sente muita saudade do seu pessoal. Mas vai "topando a parada por aqui, enquanto tiver parada para topar."

O cabo Fernando Martins vem agora para o "jeep". Enquanto trabalha vai respondendo às perguntas do repórter.

Martins era inotipista no Rio. Conta que aquela turma era conhecida como a "Equipe de Fogo". E isso porque é ela que tem saído sempre nas missões mais difíceis e perigosas.

— "E volta sempre com a missão cumprida."

O sargento confirma:

— "Pode dizer mesmo. Não é farol dele, não."

O cabo Martins diz que a maior emoção por que passou nesta guerra foi quando, certa vez, fazendo um trabalho num ponto muito avançado, via brasileiros mortos na "terra de ninguém" sem que pudesse fazer nada.

— "Eles estavam pertinho de nós e a gente não podia fazer nada. Chovia fogo inimigo."

Tem também saudade de casa principalmente da sua irmã Dea, que foi quem deu o nome ao nosso "jeep".

Fazemos uma nova parada. Já está quase terminado o serviço. Os outros dois membros da equipe aparecem na curva da estrada completamente brancos de neve.

Irineu Rodrigues Pimentel é o mais jovem do grupo. É de Nova Friburgo, e trabalhava em contabilidade. Chega dizendo:

— "Faça o cartaz do pessoal, que o serviço aqui é puxado de fato. Quando arrebenta uma linha e não tem "jeep", esta bobina que está aí vai nas costas, por essas subidas afora."

— Então a vida aqui é mesmo preta?

— "Em todo caso ainda é melhor que Gericinó. Aqui pelo menos a gente compreende porque é que está fazendo tanto sacrifício."

Antonio Lemos Ferraz é apresentado como o "terror de Copacabana".

— "Bem, lá no Rio eu me defendia com as meninas. Esse pessoal sabe disso e não me dá uma folga. É' magoa."

É' carioca e trabalhava como pintor.

— E que tal o tedesco?

— "Eu acho é que deram muito cartaz pro tedesco. Ele não é desse bicho de sete cabeças que diziam..."

Como todo brasileiro, eles sentem saudades do Brasil. Do sol de Copacabana, das suas famílias, dos passeios com a namorada. Mas estão aqui firmes, lutando e trabalhando numa terra estranha de clima hostil, contra um inimigo forte e experimentado. Sabem que estão conquistando um direito cada vez maior sobre essa terra que eles defendem com as suas vidas e sobre esse amor com que eles sonham nas suas noites tristes e geladas.

14-3-45

147